

O FUNDAMENTO TRÁGICO DA METAFÍSICA EM HEIDEGGER

THE TRAGIC GROUND OF METAPHYSICS BEI HEIDEGGER

Daniel Toledo*

Resumo: O propósito maior desse artigo consiste em apontar para uma possível relação histórico-existencial entre a dimensão originariamente trágica da história do ser e o horizonte metafísico delineado pelo pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger. A partir disso, aquilo que também tentaremos evidenciar é que a condição originariamente trágica do mortal deverá ser compreendida como essencialmente metafísica basicamente pelo seu comprometimento existencial com uma fratura de sentido que lhe sobrepuja e lhe escapa. De maneira complementar, devemos poder afirmar que a metafísica é essencialmente trágica, caso possamos localizar o gérmen do seu eixo de força radicado no elemento da precariedade humana.

Palavras-chave: Heidegger; Tragédia; Metafísica; Precariedade

Abstract: The main purpose of this article is to point to a possible historical-existential relation between the originally tragic dimension of the history of being and the metaphysical horizon outlined by the thought of the German philosopher Martin Heidegger. From this, we will also try to show that the originally tragic condition of the mortal must be understood as essentially metaphysical basically by his existential commitment with a fracture of meaning that surpasses him and escapes him. In a complementary manner, we wish to assert that the metaphysics is essentially tragic, if we can find the germ of its axis of force rooted in the element of human precariousness.

Keywords: Heidegger; Tragedy; Metaphysics; Precariousness.

1. Introdução:

Em relativa consonância com o postulado geral da concepção heideggeriana acerca da história do ser, devemos acolher aqui como pressuposto fundamental a seguinte determinação: “a metafísica descreve em sua história a figura de um único e mesmo destino que nos é atribuído a partir de uma abertura originalmente grega” (COURTINE, 2006, p. 21). Será

* Professor substituto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

E-mail: dasilvatoledo@yahoo.com.br

remetendo-nos a essa abertura que buscaremos realizar aqui certo exercício de reapropriação hermenêutica[†].

Para isso, não pretendemos, ao contrário do artifício tradicionalmente recorrente quanto às formas clássicas de tratamentos da questão do trágico em geral, repropor a arte trágica “como antídoto à metafísica racional” (MACHADO, 2001, p. 12). Tratar-se-á, muito antes, da pretensão de reportar a metafísica a uma sua base encoberta.

É bem sabido que para Heidegger a metafísica é a história do esquecimento do ser. Quanto a isso, poderíamos, em um primeiro momento, nos valer da seguinte ilação:

a tragédia, uma certa interpretação da tragédia, ao explicitar-se como filosófica e, sobretudo, ao querer-se como tal, é a origem ou a matriz do que se convencionou chamar, no período pós-kantiano, de pensamento especulativo: isto é, o pensamento dialético ou, retomando a terminologia heideggeriana, a onto-teologia consumada (LACOUE-LABARTHE, 2000, p. 181)[‡].

Acreditamos, porém, poder encontrar um fio condutor mais extenso do que este. Isto fundamentalmente porque antes mesmo que a história do pensamento ocidental pudesse se instituir como encobrimento da pergunta pelo sentido do ser já a partir do surgimento da filosofia platônica, ela é determinada por um fator mais originário, marcante em todo o seu percurso: a imposição de que o próprio sentido do ser se paute por uma recusa de si através de sua dinâmica mais própria[§].

Também aqui neste nosso caso, este “gesto de reenvio” deve, em medida significativa, ter como pretensão maior o “permitir pôr a descoberto o impensado inicial, entendido como ‘aquilo que sustenta’ o pensamento e a história” (ZARADER, 1998, p. 353).

2. A dimensão trágica enquanto ambiência “pré-metafísica” no horizonte da história do ser

Segundo a conclusão do posfácio de „Was ist Metaphysik?“, o período da tragédia grega é aquele que Heidegger designa explicitamente como “Grecidade inicial”

[†] “Este reenvio é pensado segundo a categoria do *des-cobrimento*: trata-se, não só de reencontrar a memória do que foi esquecido, mas de descobrir o que foi ocultado, de trazer à luz o que permaneceu na sombra – quer dizer, de visar, para lá da perversão ou do endurecimento inaugurado pela tradição, a explicitação de um solo fundador” (ZARADER, 1998, p. 351).

[‡] “O que a tragédia tem a ver com o nascimento do pensamento especulativo e da onto-lógica? Até que ponto nos é permitido dizer que foi a tragédia, a reelaboração da concepção filosófica ou ‘poética’ (aristotélica) da tragédia, que forneceu o esquema matriz do pensamento dialético?” (LACOUE-LABARTHE, 2000, p. 187) “O que se sabe, em compensação, um pouco menos – e que, por essa razão, gostaria de enfatizar – é que, nos primórdios do desenvolvimento do Idealismo absoluto, o próprio processo especulativo (da lógica dialética) se funda de maneira bem explícita sobre o modelo da tragédia” (LACOUE-LABARTHE, 2000, p. 181).

[§] “O que já está em curso em Platão é a extenuação da experiência fundamental, isto é, da *posição* fundamental do homem em relação ao ente” (HEIDEGGER, 1997, p. 120). Cf. tb. JAMME/LEMKE, 2004, pp. 382-383.

HEIDEGGER, 2004, p. 312). Essa dimensão é determinante fundamentalmente pelo seguinte: “Pensar a essência da história significa pensar o Ocidente em sua essência e isto a partir de sua relação com seu primeiro início, ou seja, com a Grecidade e com a Grécia” (HEIDEGGER, 1992, p. 68).

Essa dimensão chegou a ser designada por Heidegger como “pré-metafísica” (HEIDEGGER, 1994, p. 270) **. Ela é prévia à metafísica não no sentido de se privar dessa, mas antes por ser colocada em um horizonte de confrontação com a mesma, antecipando assim uma tensão com os elementos que serão essencialmente constitutivos da metafísica por permitir, em certa medida, que estes elementos desponham através de si^{††}. E talvez seja justamente por ter vislumbrado essa tensão que o próprio Heidegger tenha sido forçado a admitir certa impossibilidade de “sustentar o primeiro início” (HEIDEGGER, 1992b, p. 148). Essa impossibilidade se apresentaria como a justificativa para o início que “não permaneceu” como tal e, por conseguinte, “se tornou um primeiro começo”, o começo da metafísica propriamente dita:

Devido ao fato do que se segue a isso não poder reter esta fundação da essência do homem em sua inicialidade, e isso quer dizer, por não poder criá-lo de maneira sempre mais originária, deve ser indicado de passagem como a apreensão tardia e hoje corrente do homem como ser vivo racional surgira do não-poder-reter aquele grande início no qual o homem teve de trazer diante de si o ente como tal e ser um ente privilegiado. Se com isto foi indicado o mais extremado e hoje para nós visível escoamento dessa história da determinação da essência do homem, então isto não ocorreu para começar uma infrutífera “crítica cultural” ou coisa assim, como tampouco somente para descrever uma “situação hodierna” do homem, mas a menção à distância entre a apreensão hodierna, completamente corrente, do homem e seu início está completamente em conexão somente com nossa questão pela verdade e pela história de sua essência (HEIDEGGER, 1992b, p. 148).

3. A precariedade trágico-existencial enquanto fundamento abissal da metafísica

Heidegger reconheceu que é da tragédia grega que podemos obter a experiência da “autêntica precariedade” (HEIDEGGER, 1992, pp. 72-73). Este constitutivo da precariedade

** “No primeiro início do pensamento ocidental, antes ainda da metafísica, que só começa com Platão” (HEIDEGGER, 1992, p. 101). “Esta experiência pré-metafísica lê-se tão bem nos primeiros poetas e nos trágicos (Homero, Sófocles), como nos pré-platônicos (Anaximandro, Heráclito, Parmênides)” (HAAR, 1997, p. 195). “Há somente a tragédia *grega* e nenhuma outra além dela. Somente a essência do ser em sua experiência grega tem a inicialidade que torna necessário ‘o trágico’” (HEIDEGGER, 1992c, p. 134). “‘Trazendo a marca da sua dissensão: eis a essência do homem durante a grande época grega’. Esta ‘grande época’ é evidentemente a que Nietzsche chama ‘a época trágica grega’: a época pré-socrática” (HAAR, 1997, p. 196). E, de fato, parece que Heidegger e Nietzsche se aproximaram neste ponto: “a Grecidade cai fora da trajetória de sua essência e o declínio é decisivo. O sinal desta mudança é a filosofia de Platão” (HEIDEGGER, 1993, p. 95).

†† Por isso é que só podemos falar em “tradição” a partir de Heidegger se esta é reportada ao início (HEIDEGGER, 2005, p. 183).

será fundamental porque é através dele que a tragédia enquanto o mais originário colocar-se em obra da arte poderá ser aproximada da filosofia que se confronta com a metafísica por meio da seguinte tarefa: “A necessidade da filosofia repousa no fato de que ela enquanto reflexão não exclua a precariedade, mas a exponha e a fundamente, tornando-a fundamento da história do homem” (HEIDEGGER, 2003, p. 45)^{‡‡}. Este “fundamento” („Grund“) histórico remetido à precariedade ontológica abre para o próprio “abismo” („Grund“) de sentido do ser.

Diante disso, o problema advém, segundo a nossa hipótese, da observância de que, com a instituição da metafísica, a confrontação com essa nossa precariedade existencial passa a ser suplantada por aquele exercício histórico-filosófico de elevação conceitual da entificação do ser elevado a valor absoluto (Cf. HEIDEGGER, 1991, pp. 81-82).

Todavia, mesmo esta suplantação histórica deve ser compreendida como tendo seu fundamento encoberto também na própria precariedade existencial radicada na verdade do ser que se desdobra temporalmente (Cf. HEIDEGGER, 1992b, p. 201)^{§§}.

É então projetando-nos a este contexto de sentido que acreditamos poder partir para a tentativa de redimensionamento do seguinte questionamento crucial:

Neste momento, a pergunta pela finitude no homem não é uma sondagem arbitrária de uma propriedade humana. Ela provém muito antes da tarefa de fundamentação da metafísica. A partir dessa tarefa, ela própria é exigida como questão fundamental. Dessa maneira, a problemática da fundamentação da metafísica conserva em si a indicação para a direção na qual se movimenta a pergunta pela finitude do homem. Se assim a tarefa de uma fundamentação da metafísica permite-se uma repetição mais originária, então através disso deve vir à luz de maneira mais acurada e clara a conexão essencial entre o problema da fundamentação e a pergunta dela decorrente pela finitude no homem (HEIDEGGER, 1998, p. 220)^{***}.

Em 1929, ou seja, pouco depois da publicação de *Sein und Zeit*, Heidegger colocará como principal tarefa a busca por uma determinação do „Dasein“ que possa ser alcançada a partir de uma correlação entre a posição fundamental da metafísica e a finitude do „Dasein“. Por conseguinte,

o problema da fundamentação da metafísica encontra sua raiz na pergunta pelo *Dasein* no homem, ou seja, por seu fundamento mais íntimo, pela compreensão do ser enquanto finitude essencialmente existente. [...] Porém, toda pergunta pelo ser de um ente, e mesmo a

^{‡‡} Obs.: para uma mirada de nossa compreensão da precariedade ontológica em Heidegger, ver TOLEDO, 2015, pp. 18-31 e TOLEDO, 2015b, pp. 72-85.

^{§§} “Porque, para o pensamento que pensa a verdade do *Ser*, não há perspectiva mais ‘abissal’ do que o abismo originário de onde surge a história” (CAPELLE, 1998, p. 122).

^{***} Michel Haar entende ser a partir da questão da finitude que “a pesquisa sobre o homem grego é uma pesquisa sobre a origem do homem moderno ocidental” (HAAR, 1997, p. 202).

pergunta pelo ser do ente que à sua concepção do ser pertence a finitude enquanto compreensão do ser, é metafísica. Consequentemente, a fundamentação da metafísica repousa em uma metafísica do *Dasein* (HEIDEGGER, 1998, p. 230).

Essa colocação é singular na trajetória do pensamento de Heidegger em função principalmente da admissão de que a ampliação da compreensão do „Dasein“ não pode escapar de uma certa reinserção sua no horizonte metafísico. Evidentemente, essa reinserção precisa se dar em termos de confrontação – e não por meio de pretensa exclusão ou mera absorção! – com este horizonte histórico para que dessa problematização desponte “a metafísica do *Dasein* enquanto ontologia fundamental” (HEIDEGGER, 1998, p. 231). Reforçamos que essa admissão é importante porque é a partir dela que Heidegger assume também a impossibilidade de uma concepção mais profunda do „Dasein“ que de alguma forma já não esteja sempre comprometida com o horizonte histórico da metafísica. Diante disso, a questão então deve passar a se pautar por uma determinada concepção do „Dasein“ que permita com que sua ontologia seja reinscrita na metafísica de maneira a possibilitar a reconfiguração dessa mesma^{†††}.

Em resposta, temos aqui por pretensão maior sinalizar para mais do que geralmente permite o postulado tradicionalmente arraigado de que a metafísica, em sua origem histórica, teria despontado em comprometimento com o ensejo incipiente de um projeto teórico de racionalismo conceitual já superestimado ao ponto mesmo de fazer com que o sentido do ser tenha se desprendido de sua raiz poética, pois, segundo nosso entendimento, essa lógica de análise sedimentada encobre a possibilidade de percebermos que a confrontação essencial com a abertura de sentido do ser teria aflorado de uma condição antecedente, a saber, a trágica^{‡‡‡}. Condição essa que abre para um espaço de crise através do qual o colocar-se em

††† “Superar não quer dizer repelir, mas tomar em nova disposição” (HEIDEGGER, 2004, p. 63).

‡‡‡ Assim, discordaremos aqui da linha interpretativa que promulga que aquilo que “foi procurado por Heidegger sob o nome de origem nunca foi por ele concebido como um momento histórico”! (ZARADER, 1998, p. 353) De tal forma que a justificativa para essa nossa discordância deve repousar no seguinte: o fato de que a dimensão da origem só possa se nos dar em relação de afastamento não deverá nos impedir de desvelar uma dimensão epocal que corresponda de maneira mais radical à própria dinâmica histórico-ontológica de recuo de sentido; muito pelo contrário, segundo nossa ausculta, ela justamente faz apelo por tal apropriação de si! Logo, é justamente pela possibilidade preservada de uma recolha dos vestígios da origem dispensados no tempo que não podemos aceitar uma concepção apriorística de uma “inscrição de um afastamento estrutural, assinalável retrospectivamente em toda a estruturação e, por este facto, sem ponto de fixação numa história”! (ZARADER, 1998, p. 356) Isso fundamentalmente por entendermos não poder haver qualquer sentido de fundo dos fenômenos fora da temporalidade do ser que se desdobra já sempre somente enquanto história efetiva e concreta através de suas configurações epocais, exigindo com que toda compreensão estrutural seja reconhecida como depreendida de uma determinada inserção de sentido situada no tempo! Daí ainda, inclusive, Heidegger ter admitido “graus de originalidade do ser-no-mundo”! (HEIDEGGER, 2001, p. 346)

obra da verdade do ser por meio da arte trágica já denotaria, por meio da apropriação da precariedade humana, uma determinação fundamental da essência humana^{§§§}.

4. Tragédia e historicidade

Tentamos indicar em que medida a dimensão histórica prévia à metafísica propriamente dita guarda de certa forma a possibilidade dessa última. O que, por sua vez, exige ir de encontro à pretensão de uma nitidez quanto a uma delimitação de exclusão ou mesmo de absoluta oposição entre a época trágica dos gregos e o horizonte metafísico instituído como tal^{****}. Consideramos assim que, também neste momento,

uma vez mais nos defrontamos com a palavra *originário* – na acepção fenomenológica daquilo que se manifesta ou se mostra numa experiência pré-teórica, de que um certo conhecimento teórico deriva. Será preciso, daqui por diante, conjugar essa acepção com a de *proveniência*, de *irrupção temporal*, [...] retroagindo a uma *origem* persistente ou perdurável nas formas derivadas, reclamada pela historicidade (NUNES, 1986, p. 154)^{††††}.

Heidegger sempre reconheceu que após *Sein und Zeit* o “pensamento histórico do ser” ainda devia reincidir no „Da-sein“ (HEIDEGGER, 2005, p. 107). Mas em um determinado momento, o desafio passa a consistir em pensar o „Da-sein“, sobretudo, a partir do “início”. Não casualmente, isso exige pensar “o homem como sacrifício”, pois nesta dimensão inicial o „Da-sein“ mostra-se uma “oscilação” (HEIDEGGER, 2005, pp. 124-125). Ele está lançado em meio à diferença e recebe dessa condição originária a constituição essencial de seu ser. Mas isto somente porque ele está antes lançado na abertura do ser. É em virtude ainda dessa

^{§§§} É evidente, como salienta Albin Lesky, que “os gregos criaram a grande arte trágica e, com isso, realizaram uma das maiores façanhas no campo do espírito, mas não desenvolveram nenhuma teoria do trágico que tentasse ir além da plasmação desse no drama”; mas, ao contrário do que acredita esse especialista, isso não autoriza a inferir que esta “plasmação” não “chegasse a envolver a concepção do mundo como um todo”! (LESKY, 2006, p. 27)

^{****} A relação é claramente estabelecida por Heidegger: “início – avanço – declínio – começo – fim – transição”; entretanto, “todos a partir da experiência inicial, nunca como consequência seguida uma da outra” (HEIDEGGER, 2005, p. 188). Cf. tb. HEIDEGGER, 2008, p. 444. “‘*O ocidental*’ é determinado inicialmente [...]. A singularidade desse início é o fundamento da integridade do domínio daquilo que corresponde a este início enquanto progresso, isto é, a metafísica, da qual é a consumação” (HEIDEGGER, 2005, p. 107). “A história do ser, chegada ao seu estágio terminal – caracterizado pelo mais extremo retiro do ser – foi reconduzida até à sua abertura inicial – que é doação do ser como esse mesmo retiro” (ZARADER, 1998, p. 340).

^{††††} Também para nós, tratar-se-á fundamentalmente das “origens como nascentes, remetendo a um espaço cultural determinado, o mundo grego, com o seu referencial cronológico”, pois concordamos que “não há origem senão através de traços remanescentes, perduráveis como tradição ou pela tradição carreados e encobertos, mas reiteráveis no presente, enquanto guardam a fecunda possibilidade do que foi, e que, ao produzirem-se outrora, na existência transcorrente do Dasein, já continham uma destinação futura” (NUNES, 1986, p. 154). A partir disso, tentaremos fazer crer que aquilo que também nossa abordagem deverá seguir “é nada mais, nada menos do que *uma interpretação histórica do fundamento ou do princípio, que historicamente se consumou*. Do ponto de vista da Ontologia fundamental, ela reverte, contudo, ao mesmo fundamento temporal ou histórico – à mesma origem da compreensão do ser no Dasein, onde se pode buscar as condições de possibilidade do conhecimento ontológico” (NUNES, 1986, p. 155).

sua projeção originária no aberto do ser que o “*Da-sein*, antes de tudo, nunca é o mesmo que o homem” (HEIDEGGER, 2005, p. 130). Todavia, ele deverá passar pelo seu processo histórico de subjetivação. Porém, devemos observar que na tragédia grega essa luta ainda está se desdobrando e, tão logo ela se consuma, ela acarreta o referido sacrifício que exigirá a mudança histórica da *essência* do homem reivindicada pelo seu próprio ser. A consequência mais grave desse sacrifício é que, através dele, o „Da-sein“ torna-se, “segundo sua essência, inacessível a toda metafísica” (HEIDEGGER, 2005, p. 130).

Essa cisão implicará também o fato de que o „Da-sein“ não pode ter sua experiência em um “único papel” (HEIDEGGER, 2005, p. 130). Todavia, se o „Da-sein“ deve ser “desprendido em sua inicialidade”, como exige Heidegger (HEIDEGGER, 2005, p. 130), então o modo minimamente coerente de assumir essa exigência a partir da própria condição de sacrifício do „Da-sein“ no horizonte da historicidade do ser deve ser remetido ao papel do „Da-sein“ em que inicialmente ele é configurado justamente através da fratura de si, isto é, da divergência acerca de sua própria essência. Assim, mesmo não perdendo de vista que toda “compreensão pré-conceitual do ser é, em toda constância e continuidade, na maior parte das vezes totalmente indeterminada” (HEIDEGGER, 1998, p. 227), queremos insistir em um modo de ser no mundo que tem de se confrontar da maneira mais radical justamente com essa indeterminação em seu horizonte histórico-ontológico.

Essa nossa pretensão pode ter ainda como significativa referência para sua justificativa o momento do pensamento de Heidegger em que o já referido termo “antropologia filosófica” é suplantado pelo título “metafísica do *Dasein*”. Quanto a essa nova mudança de opção, esclarece Heidegger:

A expressão é ambígua em um sentido positivo. A metafísica do *Dasein* não é somente metafísica sobre o *Dasein*, mas ela é a metafísica que acontece necessariamente como *Dasein*. Porém, disso temos o seguinte: ela não pode tornar-se a metafísica “sobre” o *Dasein*, algo assim como a zoologia trata dos animais. A metafísica do *Dasein* não é em hipótese alguma um “organon” estável e acabado. Ela deve a todo tempo reformular-se sob a modificação de sua ideia na elaboração da possibilidade da metafísica. Em seu destino, essa possibilidade permanece associada ao acontecimento velado da metafísica no *Dasein* (HEIDEGGER, 1998, p. 231).

Logo, por mais que a metafísica marque o limite da tragédia, bem como a transgressão deste limite, a filosofia, no sentido geral do termo, não entra em tensão com a arte trágica

como algo externo a ela^{††††}. “É porque a tragédia é uma maneira de saber existencial que ela está pronta para a retomada filosófica; se o sofrer não gerasse o compreender, a tragédia não seria o *organon* da filosofia. A tragédia é metafísica desde a origem” (RICOEUR, 1996, p. 134).

Neste sentido, isto é, pensando retroativamente, o que a filosofia socrático-platônica de certa forma faz é reagir à “consciência da ‘tensão’” que de uma maneira geral já despontara como tal na tragédia. “A filosofia reconhece na tragédia seu limite, a advertência de que sua aspiração de sentido se fundirá ao nada, a impossibilidade de que a vontade de razão ilumine toda a realidade de forma absoluta” (POZO, 2012, p. 245). Daí não ser casual que o momento no qual Heidegger constata que “a filosofia dos gregos alcança o domínio ocidental não a partir de seu início originário, mas a partir do fim inicial”, é o mesmo em que ele percebe que “a mudança não vem de fora, mas de dentro” (HEIDEGGER, 1998b, p. 144). Todavia, essa reação inicial contribuiu para que, de certa forma, a filosofia em sua origem tenha se desviado da compreensão existencial potencialmente presente na arte trágica. Daí ainda é que

talvez, em contrapartida, a tragédia reencontrada tenha, por meio da virtude própria da fala poética e da representação, a virtude de recarregar a filosofia com as tensões primordiais que ela tende a esvaziar em benefício do discurso coerente: a tensão entre o ser e a finitude, entre a ira de Deus e a culpabilidade, entre o sofrimento e o conhecimento (RICOEUR, 1996, p. 122).

Por isso é que, não obstante essa referida reação incipiente que constitui a filosofia metafísica de maneira essencial em seu nascedouro, entendemos que mesmo a metafísica consumada não anula nossa condição originariamente trágica, uma vez que não nos parece existir a possibilidade de se estabelecer por completo uma realidade última enquanto a compreensão de mundo se encontrar sempre já lançada na abertura do ser a partir da dinâmica originária de uma disposição que não cessa de transcender a si mesma impulsionada pelos choques existenciais que arroja o mortal contra os limites que balizam tanto seus excessos quanto sua precariedade. É a própria fratura de sentido que não só preserva como consoma esse vínculo entre o trágico e o metafísico^{§§§§}.

Dessa forma, aquilo que faz com que a arte trágica se exponha à apropriação metafísica é o próprio espaço de crise de sentido do ser aberto por ela:

a tragédia põe em cena o espetáculo da própria angústia humana, a dificuldade em se chegar a uma verdade definitiva, a aparência

^{††††} Também procurando interpretá-la a partir do pensamento de Heidegger, Robert Gall entende que “a tragédia é um dizer poético do ser no ‘começo’ da metafísica” (GALL, 2003, p. 190).

^{§§§§} “Porquê falar de origem? Para apontar para a dupla dimensão dessa experiência, por outras palavras, para dizer simultaneamente o que a *liga* ao começo e o que a *separa* dele” (ZARADER, 1998, p. 348).

enganadora do mundo, a relação com os deuses, os limites da existência mortal, o questionamento sobre o sofrimento, sobre a justiça e a moral, o sentido da existência. A busca pela glória heróica e o esplendor dos deuses que justificavam todo o agir humano, na época anterior, deixa lugar agora para a dúvida, para o questionamento em relação ao caráter justo ou não da ação, para a decisão. E, nesse momento, o herói se encontra solitário, terá que experimentar a dúvida e a angústia pela decisão refletindo a partir de sua própria experiência (AZEVEDO, 2011, p. 33).

5. Considerações finais

Na introdução de „Was ist Metaphysik?“, Heidegger afirmou de maneira clara e direta que pensar a verdade do ser é condição para a superação da metafísica (Cf. HEIDEGGER, 2004, p. 367). Todavia, a metafísica renuncia a seu fundamento determinada pela própria verdade do ser. Esta renúncia acontece através da exclusão do velamento enquanto condição de possibilidade para o revelamento e para a preservação da diferença ontológica. Por isso é que, em contrapartida, a modalidade deste pensar („Denken“) deve ser a “rememoração do próprio ser” („Andenken an das Sein selbst“): “Tal rememoração vai além do que até aqui não foi pensado no fundamento das raízes da filosofia” (HEIDEGGER, 2004, p. 368). Levar adiante essa espécie de resgate ontológico exige perguntar por aquilo que antecede a própria “filosofia enquanto pensamento representativo do ente como tal” (HEIDEGGER, 2004, pp. 368-369). A pergunta pela verdade do ser em sua originariedade não implica assim o resgate de uma ontologia qualquer, regional, mas antes de uma “ontologia fundamental”, posto que exige um “regresso ao fundamento da metafísica” (HEIDEGGER, 2004, p. 380)^{*****}.

Partindo deste pressuposto, a tão aclamada “superação da metafísica” deve implicar o reconhecimento de que os limites da metafísica provém de uma disposição ontológica originária e que estes limites, uma vez não reconhecidos pela própria metafísica, devem ser contemplados como os mesmos limites do pensar que se volta para a essência desta metafísica, isto é, para a história do ser enquanto acontecimento próprio e essencial^{††††}. Isto

***** “Não é uma analítica no sentido da verdade ligada ao universo lógico-semântico, mas da verdade ligada ao universo existencial” (STEIN, 1993, p. 267).

†††† “A questão própria de Heidegger está longe de querer suspender a metafísica em favor da história” (GADAMER, 2004, p. 479). “A destruição da tradição não é, de modo nenhum, uma negação desta, mas deve ser uma ‘apropriação positiva desta tradição’, graças a uma ‘des-construção (*Abbau*) crítica dos conceitos recebidos... a fim de voltar às fontes donde eles foram tirados’. [...] retorno à tradição, retorno ‘às fontes’ da tradição, quer dizer, a tais ou a tais modos de experiência do ser que deram nascimento a esta ou aquela ordem conceptual. Desconstruir significa, de fato, reconstruir, visto que se trata de reencontrar um solo de origem, [...] o retorno a uma *experiência originária* – retorno que, diga-se de passagem, fez durante muito tempo falta a uma desconstrução originária –, por outro lado, *apropriativa*, no sentido em que a tarefa não visa ultrapassar, mas ‘salvar a metafísica na sua essência’ [...] – consiste na reconquista duma experiência originária e simples do ser, quer dizer, numa descoberta fenomenológica, pela qual é possível *ver* de novo uma estrutura elementar esquecida do ser-no-mundo” (HAAR, 1997, pp. 120-121).

exige assumir que, em certa medida, as limitações subsistem; mas, por outro lado, elas não se restringem à metafísica em sentido reduzido (negativo), uma vez que reportam à própria disposição originária do ser. Por isso é que no fundo também acreditamos que antes de tudo “a intenção fundamental do filósofo é salvar a metafísica” (STEIN, 1993, p. 266).

A ocultação do ser, enquanto fundamento abissal, implica uma gama histórica de modalidades. Estamos explorando aqui a dinâmica essencial do velamento do ser remetida à determinação inicial de nosso ser-no-mundo, para que, posteriormente e a partir disto, possa ser questionada, de uma maneira mais radical, a modalidade metafísica do encobrimento do ser pelo ente. Entendemos que, somente uma vez explorada esta confrontação histórico-ontológica, poder-se-á finalmente indagar o mistério do ser a partir da necessidade de superação da metafísica em suas raízes mais profundas.

É admitido que, no momento em que a experiência do pensar não mais reporta o esquecimento ao velamento, temos então a perda da “essência grega” (HEIDEGGER, 1992c, p. 105). O que passa a vigorar é o esquecimento do esquecimento. “A reflexão precedente resulta já no fato de que naquilo que chamamos o ‘esquecer’ se propicia para os gregos uma ocultação” (HEIDEGGER, 1992c, p. 105). Esquecer o ser também é ser abarcado por seu próprio abismo, mas de tal forma que o mesmo não seja confrontado como tal, isto é, de tal maneira que o ser-no-mundo não mais se reconheça em sua condição originariamente trágica: lançado na abertura do ser. Mas essa perda já desponta na própria época trágica dos gregos, constituindo, inclusive, aquilo que o trágico tem de mais essencial. Todavia, futuramente, teremos “para o propiciamento de tal ocultação somente a palavra ‘esquecimento’” (HEIDEGGER, 1992c, p. 105). Por isso a verdade do ser é essencialmente trágica: porque não pode poupar o homem de ser subtraído de sua própria essência, se confrontando ou não com sua própria condição em sentido pleno.

Transitando ao longo do vínculo que aqui procuramos estabelecer, fomos conduzidos ao entendimento de que a dimensão trágica não exclui a dimensão metafísica e nem tampouco se encontra em uma relação de absoluta oposição a ela, ainda que em certa medida tenha sido encoberta pela mesma. Encoberta na medida em que dificulta que nos apropriemos daquilo que nos é mais próprio e que como tal era confrontado pelos gregos: nosso próprio estranhamento de ser^{****}.

Quanto ao modo em que originariamente se desdobra essa confrontação, o que fizemos aqui não deve ser compreendido como uma tentativa de tornar o poeta trágico da origem uma

**** “A sentença: ‘o homem é o mais familiar’, dá a autêntica definição *grega* do homem” (HEIDEGGER, 1998b, p. 116).

espécie de “metafísico prematuro”, mas muito antes situá-lo a partir daquilo que Heidegger designou como “um homem verdadeiramente sábio” enquanto “não aquele que persegue cegamente uma verdade, mas antes aquele que sempre conhece os três caminhos: o do ser, o do não-ser e o da aparência”, ou seja, como aquele que para realizar a experiência da “célere tempestade a caminho do ser” teve de enfrentar aquilo que o ser também não é, o seu abismo assumido a partir da precariedade (HEIDEGGER, 1998b, p. 86). “A este saber pertence aquilo que os gregos em sua grande época designaram *tólma*: arriscar-se com o ser, com o não-ser e com a aparência, ou seja, conduzir o *Dasein* para além de si na de-cisão entre ser, não-ser e aparência” (HEIDEGGER, 1998b, p. 86)^{§§§§§}. Um saber remeter a existência à suspensão radical de sentido do ser encoberto pelo processo histórico de entificação.

Referências:

- AZEVEDO, Cristiane. “Arte e filosofia na tragédia grega”. In: BOCAYUVA, Izabela (Org.): *Filosofia e Arte na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Nau, 2011.
- CAPELLE, Philippe. *Philosophie et théologie dans la pensée de Martin Heidegger*. Paris: Cerf, 1998.
- COURTINE, Jean-François. *A tragédia e o tempo da história*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método II*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GALL, Robert S. “Interrupting speculation: The thinking of Heidegger and Greek tragedy”. *Continental Philosophy Review*, vol. 36, 2003, pp. 177-194.
- HAAR, Michel. *Heidegger e a essência do homem*. Lisboa: Piaget, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2003 (Gesamtausgabe: 65).
- _____ *Einführung in die Metaphysik*. Tübingen: Max Niemeyer, 1998b.
- _____ *Einleitung in die Philosophie*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2001 (Gesamtausgabe: 27).
- _____ *Grundfragen der Philosophie*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1992b (Gesamtausgabe: 45).
- _____ *Heraklit*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1994 (Gesamtausgabe: 55).
- _____ *Hölderlins Hymne „Andenken“*. 2. Aufl. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1992 (Gesamtausgabe: 52).

^{§§§§§} Em „Wozu Dichter?“, ao apontar para o papel dos poetas em tempos de indigências, Heidegger afirma que “aqueles que arriscam são os poetas, mas poetas cujos cantos viram nosso ser-desamparado para o aberto” (HEIDEGGER, 1980, pp. 314-315).

- _____ *Hölderlins Hymne „Der Ister“*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1993 (Gesamtausgabe: 53).
- _____ *Holzwege*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1980.
- _____ *Kant und das Problem der Metaphysik*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1998.
- _____ *Nietzsche II*. Stuttgart: Klett-Cotta, 2008.
- _____ *Parmenides*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1992c (Gesamtausgabe: 54).
- _____ *Über den Anfang*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2005 (Gesamtausgabe: Bd. 70).
- _____ *Vom Wesen der Wahrheit*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1997 (Gesamtausgabe: 34).
- _____ *Wegmarken*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2004 (Gesamtausgabe: 9).
- JAMME, Christoph / LEMKE, Anja. „*Es bleibt aber eine Spur/Doch eines Wortes*“. Zur späten Hymnik und Tragödien­theorie Friedrich Hölderlins. München: Wilhelm Fink, 2004.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. *A imitação dos modernos*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MACHADO, Roberto. *Zarathustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- NUNES, Benedito. *Passagem para o poético*. Filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1986.
- POZO, Antonio Gutiérrez. “Filosofia y poesía en sentido postrágico: Ortega, Heidegger y Adorno”. *Kriterion*, nº 125, 2012, pp. 231-250.
- RICOEUR, Paul. *Leituras 3*. São Paulo: Loyola, 1996.
- STEIN, Ernildo. *Seminário sobre a verdade*. Lições preliminares sobre o parágrafo 44 de Sein und Zeit. Petrópolis: Vozes, 1993.
- TOLEDO, Daniel. “A precariedade essencial do ser-no-mundo a partir da ontologia de Heidegger”. *Synesis*, vol. 7, nº 2, 2015, pp. 18-31.
- _____ “A precariedade histórico-ontológica como fundamento abissal da ‘metafísica do Dasein’”. *Kínesis*, vol. VII, nº13, 2015b, pp. 72-85.
- ZARADER, Marlène. *Heidegger e as palavras da origem*. Lisboa: Piaget, 1998.

Recebido em 14/07/2018

Aprovado em 05/08/2018